

## O mal-estar no jornalismo: uma reflexão sobre as doenças mentais no discurso da Folha de S. Paulo a partir dos teóricos frankfurtianos

Denise Cristina Ayres Gomes<sup>1</sup>

### Resumo

O artigo analisa a representação dos transtornos psiquiátricos no jornal *Folha de S. Paulo*. O *corpus* é constituído por 29 matérias do ano de 2011. O estudo toma por base a teoria crítica e a psicanálise que fundamentam a concepção frankfurtiana do modelo psíquico do homem liberal. O artigo aborda os autores Erick Fromm (1984), Max Horkheimer (1976; 1985), Theodor Adorno (1992), enfoca os conceitos de sociedade unidimensional de Herbert Marcuse (1973), e patologia da modernidade de Jürgen Habermas (FREITAG, 1995). A análise revela a predominância das depressões, pânico e toxicomanias.

**Palavras-chave:** jornalismo; doenças mentais; frankfurtianos

### Abstract

The article analyzes the representation of psychiatric disorders in the newspaper *Folha de S. Paulo*. The *corpus* consists of 29 pieces of news from the year 2011. The study takes the critical theory and psychoanalysis underlying the Frankfurt School conception of psychic model of the liberal man as a basis. The article discusses the authors Erick Fromm (1984), Max Horkheimer (1976; 1985), Theodor Adorno (1992), focuses on the one-dimensional society concepts of Herbert Marcuse (1973), and the pathology of modernity of Jürgen Habermas (FREITAG, 1995). The analysis reveals the predominance of depression, panic and addictions.

**Keywords:** journalism; mental illnesses; Frankfurtians

Artigo recebido em: 23/03/2015

Aceito em: 24/04/2015

<sup>1</sup> Professora e pesquisadora da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); doutoranda em Comunicação Social/ PUCRS, pesquisadora do G. Mídia – CNPQ, mestre em Ciências da Comunicação pela UNISINOS e jornalista. E-mail: dayres42@gmail.com

## Introdução

O capitalismo tardio proporciona formas de individuação e socialização que demarcam a ruptura com a modernidade. A emergência do sujeito autônomo, a razão norteadora da verdade, a crença na ciência e no progresso como pressupostos para a felicidade e o estado do bem-estar social estão em crise.

O indivíduo contemporâneo é marcado pela noção de desamparo frente à cultura narcísica do excesso e da espetacularização. O exibicionismo exacerbado e a realidade construída por meio de imagens pressupõem que o sujeito esteja voltado para fora, exaltando a si próprio. A mídia desempenha a função preponderante de produzir o imaginário social calcado na sedução e fascínio permanentes e valoriza as individualidades egocentradas e exibicionistas. A sociedade disciplinar foucaultiana cede lugar para a sociedade de controle onde não é preciso vigiar ou coagir, apenas convencer.

O século XXI se caracteriza pelo surgimento de perturbações mentais resultantes das transformações ocorridas a partir dos anos 70 que marcam o chamado capitalismo tardio. A melancolia ou o retraimento dos indivíduos não encontra espaço no cenário contemporâneo que reifica o “eu” e a espetacularização. O sujeito desamparado, cujo paradigma é o sucesso medido pelo dinheiro acumulado, entra em colapso. O ideal de felicidade moderno não encontra espaço na fluidez contemporânea.

O discurso psicopatológico que surge no capitalismo tardio é sintoma da instabilidade do mundo mediado por imagens e novos tipos de socialização baseados em relações efêmeras, mercantilizadas e egocentradas. Este artigo analisa a representação dos transtornos psiquiátricos na versão digital do jornal *Folha de S. Paulo* (FSP), no ano de 2011, dez anos após a aprovação a lei da reforma psiquiátrica.

As psicopatologias decorrem de processos de individuação típicos do capitalismo tardio em que a reprodução material modifica a estrutura psíquica do indivíduo. O estudo toma por base a teoria crítica e a psicanálise que fundamentam a concepção frankfurtiana do modelo psíquico do homem liberal. O artigo aborda os autores Erick Fromm (1984), Max Horkheimer (1976; 1985), Theodor Adorno (1992), enfoca os conceitos de sociedade unidimensional de Herbert Marcuse (1973), e patologia da modernidade de Jürgen Habermas (FREITAG, 1995). Os fenômenos contemporâneos possibilitam a emergência de novas formas de subjetivação e o aparecimento de psicopatologias características do capitalismo tardio.

A emergência do discurso psicopatológico no jornal *Folha de S. Paulo* em 2011 procura superar a crise de paradigmas da contemporaneidade e buscar fundamento no modelo biológico das neurociências e da psicofarmacologia. A medicina intervém para regular o mal-estar, tentando tornar os indivíduos produtivos conforme as relações socioeconômicas instituídas.

O *corpus* contém 29 ocorrências da *Folha de S. Paulo* selecionadas a partir da versão digital do periódico por meio das palavras-chave: distúrbio mental, distúrbio psiquiátrico, transtorno psiquiátrico, transtorno psíquico e doença mental. Foram considerados apenas os textos informativos. O estudo objetiva verificar quais as doenças mentais que mais aparecem no discurso da *FSP* e pontuar alguns aspectos do capitalismo tardio de acordo com o enfoque dos teóricos frankfurtianos.

## Capitalismo e teoria crítica

A constituição subjetiva está ligada às relações sócio históricas experimentadas pelo sujeito e é parte do desenvolvimento da civilização. De acordo com Freud (1978), o homem é composto por duas forças básicas e antagônicas que são a autopreservação e os instintos sexuais, comparáveis à razão e à irracionalidade. Para que a civilização se desenvolvesse, foi preciso reprimir os instintos e evitar o próprio aniquilamento do indivíduo, redirecionando a energia instintiva ao trabalho. De acordo com a psicanálise, o inconsciente é regido pelo princípio do prazer, mas ao se socializar, o homem percebe que a satisfação imediata dos instintos é impossível e precisa ser adiada. Freud denominou esse adiamento de “princípio de realidade”, estruturante do ego.

Freud concebe que a identificação é uma forma remota de relação emocional entre dois sujeitos e resulta na imitação e na empatia. O indivíduo tende a se identificar com o modelo e a imitar suas características que passam a fazer parte do ego ou propiciam o surgimento de novos laços a partir dos elementos comuns. A personalidade do indivíduo é formada por uma relação mimética que, posteriormente é abandonada, para que se desenvolva o lado racional e ocorra a adaptação consciente às exigências da cultura.

O psicanalista frankfurtiano Erich Fromm (1984) procura compreender o indivíduo a partir do modo de produção. O capitalismo engendra relações burocráticas e mercantilizadas que coisificam o indivíduo e tornam o seu caráter negativo. O sujeito é expressão desse sistema: “[...] pessoas com falta de imaginação, mesquinhez, desconfiança, frieza, ansiedade, obstinação, indolência, pedantismo, obsessão e desejo de posse”. (FROMM, 1984, p. 90-91).

O capitalismo concebe o indivíduo como autônomo e racional, capaz de empreender por esforço próprio e ser regulado pelas forças de mercado. O sistema se expandiu e buscou, no cientificismo do século XIX, a base racional para sua própria justificação. As transformações econômicas configuraram a estrutura social e psicológica do indivíduo moderno. Tributária da livre iniciativa, emerge a figura do sujeito autônomo calcado na família burguesa.

O indivíduo, sobre o qual a sociedade se apoiava, trazia em si mesmo sua mácula; em sua aparente liberdade, ele era o produto de sua aparelhagem econômica e social. O poder recorria às relações de poder dominantes quando solicitava o juízo das pessoas a elas submetidas. *Ao mesmo tempo*, a sociedade burguesa também desenvolveu, em seu processo, o indivíduo. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p.145).

Adorno (1992) reitera que o capitalismo tardio provoca o esvaziamento das subjetividades exercendo a dominação sobre os indivíduos. A monetarização das relações valoriza o sujeito de acordo com o que ele produz, dotando-o de funcionalidade. Os meios de comunicação de massa estimulam a cultura do consumo e propagam valores que são introjetados pelos indivíduos sem resistência.

As turbulências experimentadas pelo capitalismo no século XX implicaram na decadência da família burguesa que representa a socialização psíquica e a primeira instância mimética para o indivíduo. Sem esse modelo, o sujeito se torna dependente dos meios de comunicação e coisificado. A ideologia capitalista instituiu a razão instrumental em todas as esferas da vida. Marcuse (1973) concebe que houve um retorno mimético na sociedade massiva em que os indivíduos se identificam, acriticamente, com a sociedade.

Os frankfurtianos postulam que o capitalismo assujeita o indivíduo. Este incorpora e reproduz os valores de modo acrítico. A dominação se impõe sem coerção física, mas por sedução das consciências movidas pelo fascínio do dinheiro. Os meios de comunicação são os vetores do processo de massificação e alienação das consciências.

## **Marcuse e a sociedade unidimensional**

O filósofo Herbert Marcuse resgata a concepção de Max Weber de que a racionalidade é o domínio da ação calculada e adequa os meios aos fins. A razão instrumental estrutura e organiza as modernas sociedades capitalistas e se estende na economia e na burocracia estatal. O sistema econômico norte-americano é o exemplo de capitalismo tardio tomado por Marcuse para ilustrar o que o autor denominou de sociedade unidimensional (1973).

O modelo integra as vidas pública e privada, concilia os interesses conflitantes e as forças de negação são reprimidas e canalizadas para a produtividade e a manutenção do sistema. A sociedade capitalista contemporânea se tornou totalitária porque impede a oposição ao sistema de produção e manipula as necessidades que são impostas aos indivíduos por grupos de interesse. A tecnologia é uma forma de controle social que torna o sistema produtivo um modelo de eficiência e condiciona os indivíduos à divisão social do trabalho.

Mas, no período contemporâneo, os controles tecnológicos parece serem a própria personificação da razão para o bem de todos os grupos e interesses sociais – a tal ponto que toda contradição parece irracional e toda ação contrária parece impossível. (MARCUSE, 1973, p. 30).

A sociedade unidimensional se caracteriza pela produção e destruição em larga escala do homem e do ambiente. A natureza é manipulável e destruída em prol do desenvolvimento, as guerras são regidas por interesses econômicos, a força de trabalho é levada à exaustão objetivando a produtividade, e a violência se generaliza. A “sociedade sem oposição” (1973) opera a repressão por meio da eficiência tecnocientífica em todos os domínios onde se instituiu um conjunto de normas comuns.

O pensamento crítico e as lutas sociais se esvaziam cedendo espaço para a satisfação dos desejos individuais. Os anseios são heterônimos e condicionados por forças externas que o sujeito não controla. O consumismo exagerado leva à “euforia na infelicidade”, uma tentativa vã de amenizar o mal-estar. O homem não precisa ser ajustado à sociedade porque há uma mimese entre ambos. O conformismo se entranha nos hábitos cotidianos a ponto de qualquer oposição parecer um sintoma “neurótico”. A sociedade unidimensional torna o indivíduo despersonalizado, nivelado, desprovido de criticidade, portanto, unidimensional.

Não é, portanto, de admirar que, nos setores mais desenvolvidos dessa civilização, os controles sociais tenham sido introjetados a ponto de até o protesto individual ser afetado em suas raízes. A negativa intelectual e emocional de “prosseguir” parece neurótica e impotente. Esse é o aspecto socio-psicológico do acontecimento político que marca o período contemporâneo: o desaparecimento das forças históricas que, na fase anterior da sociedade industrial, pareceu representarem a possibilidade de novas formas de existência (MARCUSE, 1973, p. 30).

O espaço privado se encontra tomado pela realidade tecnológica e proporciona a imediata identificação do indivíduo com a sociedade. Nessa fase da cultura industrial avançada, a realidade absorve a ideologia e instaura o pensamento e o comportamento unidimensionais.

## **Habermas: as patologias do capitalismo tardio**

O filósofo frankfurtiano distingue a sociedade a partir da visão sistêmica e o mundo vivido. A primeira se refere ao observador externo e é o espaço de atuação da razão instrumental e técnica. A esfera sistêmica se estende em dois subsistemas: o econômico, operado pelo dinheiro; e o político, operado pelo poder. A sociedade é regida pela economia de mercado, onde o lucro se legitima, e o estado racional legal atua com instituições que asseguram o seu funcionamento.

As forças produtivas reproduzem a vida material em sociedade de modo acrí-

tico e sem diálogo, já que as relações sociais estão fundadas no dinheiro. Habermas concebe essa regulação como “integração sistêmica”. “A economia e o Estado asseguram a reprodução material e institucional da sociedade moderna, sem, contudo, admitir o questionamento dos princípios que regem o seu funcionamento.” (FREITAG, 1995, p. 142).

O mundo vivido é a dimensão subjetiva experienciada pelos atores e sofre a influência da visão sistêmica. A “integração social” ocorre a partir de vivências e experiências partilhadas que constituem a memória ou história coletiva. O mundo vivido permite a realização da ação comunicativa em que os argumentos são tensionados na busca do consenso. Para Habermas, existem três subsistemas no mundo vivido: o cultural, o social e o de personalidade, normatizados pelos mecanismos de integração social.

No subsistema cultural, ocorre a modernidade cultural caracterizada por processos de diferenciação e autonomização. A diferenciação acontece nas esferas científica, ética e estética, e posteriormente cada uma delas se autonomiza. As esferas buscam a pretensão de validade, mas são questionadas e reelaboradas por meio de discursos racionais. A ciência, por exemplo, autonomiza-se e busca a validade de sua verdade a partir de um discurso racional, impondo-se sobre outras esferas. O discurso científico se baseia na racionalidade instrumental e impede o exercício da ação comunicativa. A dissociação entre o sistema e o mundo vivido “desconecta a produção material de bens e a dominação dos verdadeiros processos sociais que ocorrem na vida quotidiana, através da interação e ação comunicativa”. (FREITAG, 1995, p. 144).

Para Habermas as patologias da modernidade decorrem de processos de dissociação e racionalização. A primeira implica no “desengate” entre o mundo vivido e o sistema provocando a contaminação do estado e da economia. Os indivíduos introyetam as leis do mercado em suas vidas como se fossem leis naturais. A economia e o mercado acabam controlados por grupos minoritários que não representam os interesses da maioria.

O desengate faz emergir a segunda patologia, a racionalização. A lógica da razão do sistema, baseada no dinheiro e no poder, impõe-se no mundo vivido e diminui a atuação da ação comunicativa nas instituições. Habermas denomina de colonização à penetração da razão instrumental na esfera cultural.

A terapia para este diagnóstico das patologias ou crises da modernidade é simples. Habermas propõe reverter os processos de “desengate” e da “colonização e fala em “reacoplar” o sistema ao mundo vivido, permitindo aos atores a visão de conjunto. (FREITAG, 1995, p. 146).

O reacoplamento do sistema ao mundo vivido permitiria a realização da ação comunicativa nas instituições que, mesmo regidas por interesses, valores e discursos próprios, possibilitariam a construção de um espaço coletivo de discussão e argu-

mentação. Portanto, a modernidade implica a mudança de paradigmas em que a apenas a ação comunicativa seria capaz de solucionar as patologias.

## **A crise na psicanálise e a mudança do paradigma psiquiátrico**

O conceito de mal-estar foi utilizado por Freud (1978) para descrever o conflito entre as forças pulsionais do homem em contraposição à cultura, ao processo civilizatório. O livro “O mal-estar na civilização” se refere especificamente ao mal-estar moderno, resultado das interdições morais necessárias para possibilitar a instituição do projeto da modernidade. A obrigação da monogamia e a repressão da bissexualidade são exemplos das proibições que causam perturbações nos indivíduos.

A psicanálise sustentou o discurso psiquiátrico até os anos 70 do século XX, quando ocorre a mudança de paradigma em que as psicopatologias se desvinculam do conflito psíquico e passam a se basear em sintomas evidenciados no corpo, na ação e na intensidade (BIRMAN, 2012). O pensamento e a linguagem perdem a primazia como instrumentos para se chegar às causas das doenças em proveito do fundamento biológico das perturbações. O desenvolvimento da psicofarmacologia a partir de 1950 propicia a intervenção sobre o corpo. O paradigma psiquiátrico contemporâneo procura se fundamentar nas neurociências que constituem a base racional da medicina.

Assim, a psicopatologia contemporânea se interessa fundamentalmente pelas síndromes e sintomas no sentido médico do termo. Com isso, a concepção tradicional de enfermidade, centrada na idéia de etiologia, perde terreno face à articulação de sintomas sob a forma de síndromes.” (BIRMAN, 2000, p.184).

De acordo com o autor, a medicina não objetiva a cura, mas a regulação do mal-estar corpóreo por meio do medicamento. A história de vida do paciente e o tempo da doença se tornam secundários diante dos sintomas pontuais. A preocupação é funcional, e a intervenção ocorre nos acontecimentos que revelam a disfunção do psiquismo.

## **O mal-estar na Folha de S. Paulo**

Este estudo analisa 29 textos informativos do ano de 2011 selecionados na versão digital do jornal *Folha de S. Paulo*, a partir das palavras-chave: distúrbio mental, distúrbio psiquiátrico, transtorno psiquiátrico, transtorno psíquico e doença mental. O estudo verificou que os males mais prevalentes e característicos do capitalismo tardio, representados no discurso jornalístico, são as depressões, o pânico e as toxicomantias.

Embora essas psicopatologias tivessem outras denominações nas décadas passadas, os transtornos são descritos a partir dos sintomas, procurando-se regular suas manifestações por meio dos medicamentos. De acordo com os textos observados, as causas dos distúrbios mentais estão associadas a fatores genéticos e ambientais. A psiquiatria busca fundamento nas neurociências para se aproximar da racionalidade científica.

O paradigma biológico, característico da psicopatologia do capitalismo tardio, pode ser observado na matéria “Psiquiatria está em crise por falta de provas científicas” (FSP 02 nov 2011. Cotidiano, p. C12) em que o ganhador do prêmio Nobel de medicina afirma: “Precisamos desesperadamente de bons marcadores biológicos.” (FSP 02 nov 2011. Cotidiano, p. C12). A afirmação evidencia o afastamento entre a psiquiatria e a psicanálise e a busca do fundamento biológico. Em relação às toxicomanias, a psiquiatria se ampara no novo paradigma. “Mas novas evidências sugerem que o abuso de drogas também pode ser um distúrbio cerebral desenvolvimental, e que as pessoas que se tornam viciadas têm uma estrutura diferente daquelas que não se tornam.” (FSP 15 ago 2011. New York Times, p. 02).

As matérias apontam que o estilo de vida das grandes cidades, o ritmo intenso de trabalho, o estresse causado pela instabilidade típica do capitalismo tardio provocam o crescimento do número de pessoas afetadas por doenças mentais. O sistema que concebe o homem como autônomo e responsável por seu destino, símbolo da modernidade, entra em colapso na época atual. Tal como afirmaram Adorno e Horkheimer (1985), o indivíduo é resultado do aparato socioeconômico e, em época de grande instabilidade na economia e nas relações interpessoais, a estrutura psíquica do indivíduo é modificada.

A matéria intitulada: “Afastamentos por doenças mentais disparam no país” (FSP 25 nov 2011. Mercado, p. B-6) mostra como o ritmo acelerado e as exigências do mercado afetam a saúde do trabalhador. “O mercado de trabalho tornou-se foco de doenças como depressão e estresse.” (FSP 25 nov 2011. Mercado, p. B-6). Ou ainda o texto “Doenças psiquiátricas roubam mais anos de vida do brasileiro” (FSP 10 mai 2011. Cotidiano, p. C12) que afirma: “Com mudanças no estilo de vida dos brasileiros, os transtornos psiquiátricos passaram a ocupar lugar de destaque entre os problemas de saúde pública do país” (FSP 10 mai 2011. Cotidiano, p. C12).

## **As depressões no discurso jornalístico**

As críticas de Adorno (1992) e Fromm (1984) ao capitalismo tardio podem ser relacionadas aos textos que mostram os paradoxos da modernidade. O progresso material não proporcionou a felicidade, conforme preconiza o sistema. Para Adorno (1992), o capitalismo tardio provoca o esvaziamento das subjetividades e a mercanti-

lização das relações. Fromm (1984) enfatiza o indivíduo coisificado e dominado por valores e pessoas de caráter negativo.

A matéria intitulada “População de países ricos sofre mais de depressão” (FSP 02 ago 2011. Cotidiano, p.C10) aborda as diferenças sociais existentes nessas nações. As pessoas que não tiveram acesso à riqueza se tornam mais isoladas e deprimidas nos países ricos porque existe diferença de renda acentuada. “A desigualdade social, em geral maior nos países de alta renda do que nos de baixa, leva a problemas crônicos que incluem a depressão” (FSP 02 ago 2011. Cotidiano, p.C10) e completa: “As pessoas mais pobres dos países ricos tiveram mais risco de passar por um episódio de depressão, tendência que não foi observada nas nações mais pobres.” (FSP 02 ago 2011. Cotidiano, p.C10).

O exibicionismo e o narcisismo da época atual pressupõem que o sujeito esteja atrelado à exterioridade e à sedução do outro. O progresso e o acesso aos bens de consumo não foram estendidos a todos igualmente. Os deprimidos se voltam para a interioridade em desacordo com a cena social que privilegia o ritmo acelerado, o exibicionismo e o consumismo exagerado.

## O pânico no discurso jornalístico

O desengate entre o mundo vivido e o sistema, de acordo com Habermas (FREITAG, 1995), é considerado uma das patologias da modernidade. A consequência da crise na racionalidade instrumental se confirma na busca incessante da ciência para adequar os indivíduos a novos padrões de satisfação, por meio de medicamentos, procurando enquadrá-los às exigências do sistema. As ansiedades, o estresse, as manias e o déficit de atenção são caracterizados como o pânico na sociedade. O excesso de estímulos desencadeia comportamentos obsessivos criando obstáculos para a vida social.

A garota vê sujeira onde, aparentemente, não há. “Se eu tocar no chão, no rejunte dos pisos, por exemplo, acho que vou me contaminar”.

A aflição só passa quando ela abre a torneira da cozinha: “Senão a mente trava”, explica, esfregando as mãos com detergente (FSP 12 set 2011. Folhateen, p. 04).

O aumento no consumo de medicamentos para déficit de atenção e a abundância de diagnósticos confirma o imperativo de adequação dos sujeitos aos padrões sociais. A afirmação se configura na matéria intitulada “Droga para déficit de atenção tem uso excessivo, diz estudo” (FSP 03 mai 2011. Cotidiano, p. C10) que assegura: “Quase 75% das crianças e dos adolescentes brasileiros que tomam remédios para déficit de atenção não tiveram diagnóstico correto.” (FSP 03 mai 2011. Cotidiano, p.

C10). A entrevista intitulada “Estamos dando veneno para as crianças” (FSP 18 out 2011. Cotidiano, p. C8) alerta para o excesso de prescrição de antipsicóticos. E ainda, “Para todas as doenças, para toda infelicidade, existe uma droga”, afirma a especialista (FSP 18 out 2011. Cotidiano, p. C8).

No mesmo texto, pode-se verificar o conceito marcusiano de sociedade unidimensional (1973) em que o autor observa a conciliação dos interesses conflitantes por meio da sedução e dos medicamentos. A razão instrumental se estende por todas as esferas sociais.

Usando da experiência de duas décadas de trabalho no ‘NEJM’, ela conta, por exemplo, como os laboratórios se afastaram de sua missão original de descobrir e fabricar remédios úteis para se transformar em gigantescas máquinas de marketing (FSP 18 out 2011. Cotidiano, p. C8).

O pânico surge a partir da impotência diante das exigências do capitalismo tardio. A aceleração, o tempo cronometrado e a produção desenfreada se impõem como padrões de comportamento que são subjetivados pelos indivíduos.

## As toxicomanias no discurso jornalístico

De acordo com Habermas, o subsistema de personalidade, parte do mundo vivido, é normatizado pelos mecanismos de integração social. O capitalismo tardio reifica o individualismo egocentrado e exibicionista, portanto, personalidades retraídas ou depressivas não têm espaço no ritmo frenético da atualidade marcado pela ação. As toxicomanias são o sintoma da busca por sentido e o impulso artificial para a tentativa de socialização.

O texto intitulado “Não alcoolistas que bebem em serviço podem ser dispensados” trata da diferenciação entre pessoas alcoolistas e aqueles que exageram na dose e acarretam problemas no trabalho. O depoimento de um trabalhador demitido por causa do vício demonstra que, mesmo doente, a pessoa precisa se recuperar e voltar a ser produtiva. “Me mandaram para clínicas, mas foi difícil entender por que queriam tirar o que eu mais amava – a cachaça.” (FSP 13 fev 2011. Empregos, p. 02).

A matéria intitulada “Uso ‘terapêutico’ de álcool por ansiosos leva à dependência” (FSP 06 ago 2011. Cotidiano, p. C12) aborda o consumo recorrente da substância por pessoas com fobia social.

O abuso de álcool e drogas foi particularmente alto como fator de risco para um tipo específico de transtornos de ansiedade: a fobia social.

Esse é o nome dado ao pavor de interação com outros por medo de reprovação, passar vergonha em público, humilhação, etc. (FSP 06 ago 2011. Cotidiano, p. C12).

Outra matéria relaciona as toxicomanias às doenças psiquiátricas. “O álcool e as drogas afetam o humor e o comportamento ao ativar os mesmo circuitos cerebrais que sofrem distúrbios nas principais doenças psiquiátricas. Não é de surpreender, portanto, que pacientes deprimidos e ansiosos recorram ao álcool e a outros sedativos.” (FSP 15 ago 2011. New York Times, p.2).

As toxicomanias são resultantes de uma sociedade exibicionista e narcisista. “É por isso que, na seriação das grandes perturbações do espírito da pós-modernidade, as toxicomanias se inscrevem lado a lado com as depressões e a síndrome do pânico.” (BIRMAN, 2000, p. 192).

As psicopatologias são sintomas do capitalismo tardio e se relacionam à estrutura psíquica do indivíduo. Os textos jornalísticos apresentam pesquisas científicas para evidenciar o aumento das depressões, pânico e toxicomanias e ter a comprovação material, inscrita no corpo, de que as doenças psiquiátricas não resultam de conflitos entre forças pulsionais e a cultura, como propõe a psicanálise, mas de fatores biológicos e ambientais.

## Considerações finais

O discurso psicopatológico do jornal *Folha de S. Paulo* de 2011 evidencia os sintomas do capitalismo tardio, época atual marcada pelo extremo individualismo e exibicionismo. Ao romper com o paradigma moderno, a psiquiatria desconsidera a psicanálise e busca se amparar no fundamento biológico em que o mal-estar está inscrito no corpo e pode ser regulado por meio de medicamentos.

A desconexão entre a produção material de bens e os processos da vida cotidiana, postulada por Habermas (FREITAG, 1995), torna o dinheiro a base das relações sociais que são reproduzidas de modo acrítico. As psicopatologias atuais são resultantes do sistema que provoca o esvaziamento do sujeito, e o mal-estar diante das exigências de adequação ao mercado. O indivíduo deve modular o comportamento a fim de se adequar ao sistema e se tornar produtivo.

As depressões, o pânico e as toxicomanias são as patologias mais prevalentes do capitalismo tardio. Conforme preconizam Fromm (1984), Horkheimer e Adorno (1985), o indivíduo resulta do sistema no qual está inserido. O consumo exagerado e o exibicionismo são comportamentos naturalizados e desejáveis a ponto de não haver mais crítica. A sociedade unidimensional teorizada por Marcuse (1973) explica o fascínio e a sedução generalizada que a mídia exerce sobre os indivíduos.

O advento das novas tecnologias relativizou o poder dos meios de comunicação, mas são eles os dispositivos que permitem a coesão social. A mídia sustenta o capitalismo ao divulgar valores, crenças e informações que manter o *status quo* e tendem a

reforçar comportamentos danosos aos indivíduos. Os transtornos psíquicos são parte do mal-estar gerado pelo capitalismo tardio.

## Referências

ADORNO, Theodor. **Minima Moralia**. São Paulo: Ática, 1992.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na atualidade**: a psicanálise as novas formas de subjetivação. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

FREITAG, Barbara. Habermas e a teoria da modernidade. In **Cad. CRH**. Salvador, n. 22, p. 138-163, jan/jun, 1995.

FREUD, Sigmund. (1978). “Mal-estar na Civilização”. In: \_\_\_\_\_. Os Pensadores. Tradução: José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril S/A Cultural e Industrial, pp. 129-19.

FROMM, Erich. **Psicanálise da Sociedade Contemporânea**. São Paulo: Círculo do Livro, 1984.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor W. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

\_\_\_\_\_. **Eclipse da Razão**. Rio de Janeiro: Editorial Labor do Brasil, 1976.

MARCUSE, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial**: o homem unidimensional. 4.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

## Matérias citadas

BRITTO, Patrícia. Droga para déficit de atenção tem uso excessivo, diz estudo. **Folha de S. Paulo**. 02 nov 2011. Cotidiano, p. C12

ESTAMOS dando veneno para as crianças. **Folha de S. Paulo**. 18 out 2011. Cotidiano, p. C8.

FRAGA, Érica; BORLINA FILHO, Venceslau. Afastamentos por doenças mentais dispararam no país. **Folha de S. Paulo**. 25 nov 2011. Mercado, p. B6.

GARCIA, Rafael. População de países ricos sofre mais de depressão. **Folha de S. Paulo**. 02 ago 2011. Cotidiano, p. C10)

\_\_\_\_\_. Uso ‘terapêutico’ de álcool por ansiosos leva à dependência. 06 ago 2011. **Folha de S. Paulo**. Cotidiano, p. C12).

MALDJIAN, Mayra. Viciados em manias. **Folha de S. Paulo**. 12 set 2011. Folhateen, p. 04.

\_\_\_\_. Não alcoolistas que bebem em serviço podem ser dispensados. **Folha de S. Paulo**. 13 fev 2011. Empregos, p. 02.

PINHO, Ângela. Doenças psiquiátricas roubam mais anos de vida do brasileiro. **Folha de S. Paulo**. 10 mai 2011. Cotidiano, p. C12.

PSIQUIATRIA está em crise por falta de provas científicas. **Folha de S. Paulo**. 02 nov 2011. Cotidiano, p. C12

VÍCIO: natureza ou hábito. **Folha de S. Paulo**. 15 ago 2011. New York Times, p. 02.